

Rumo à Polônia, pagando os juros mais altos do mundo

26 FEV 1987

Noenio Spinola

A moratória na dívida externa não esperou pelos tamborins do carnaval nem pelas comemorações da escola de samba do "Viva o Calote" dos radicais do PMDB para produzir seus primeiros frutos. Os juros dos certificados de depósitos bancários pularam para 30% reais. Reais, bem entendido, se alguém acreditar na correção monetária do IBGE que o economista Edmar Bacha abandonou, recusando-se a garfar os índices como queria o Ministério do Planejamento — lembram?

Até uma ou duas semanas atrás, o vilão da história na área financeira eram os certificados de depósitos (CDBs) com juros prefixados, cujas taxas se refletiam nos mercados futuros de taxas de juros. Esse mercado virtualmente parou, por pressão do Governo, e os bancos estão forçando os investidores a aplicarem nos CDBs pós-fixados (que pagam juros reais e correção monetária orientada pelas Letras do Banco Central). O que passou a subir foi simplesmente o juro real. Continuamos batendo recordes. Quem quer depositar seu dinheiro para sequer cobrir a inflação? Os gênios financeiros que articularam a mudança devem estar preparando alguma boa explicação para o Presidente.

O Banco Central do Sr Francisco Gros não teve melhor sorte. As terças-feiras, o BC costuma ir para o mercado vendendo suas letras (LBCs), retirando dinheiro da praça para tapar os rombos do Tesouro. Para empurrar os papéis do Governo goela abaixo, o BC teve que aumentar brutalmente o deságio que vinha pagando. Quem tem coragem de carregar títulos públicos no bolso a esta altura do campeonato, a menos que o Governo lhe pague uma fortuna pelo risco? Aqui também os gênios financeiros terão que explicar como e por que encareceram a dívida pública. Se a confiança na área financeira tivesse aumentado, não devia ser justo o oposto?

Pela lógica natural das coisas, se o Governo continuar sendo tocado pelas mesmas correntes que inspiraram a moratória, o cenário pós-carnavalesco poderá ser desenhado com algo além de cinzas. A equação armada tem contradições imbatíveis. Basta olhar para o dólar no **black**, que vem medindo forças com as taxas de juros e se alimentando com as incertezas. É o risco, agora, que puxa o **black**, assim como empurra o deságio dos títulos públicos. Da forma como os gênios xiitas do PMDB deixaram as coisas para a área econômica não tem saída fora de uma alta desenfreada de juros ou um disparo no **black**, ainda quando tudo isso possa ser artificialmente contido pouco adiante por um novo **round** ilusório de congelamento de preços e salários ou pela venda das últimas barras de ouro do Tesouro Nacional. O tempo é inimigo da imperfeição.

Os primeiros sinais de que pode vir pela frente uma Sexta-Feira da Paixão (das gordas) estão na revolta dos bancos pequenos no exterior com o confisco das linhas de crédito de curtíssimo prazo que financiavam o giro dos negócios brasileiros. Em termos práticos, isso pode significar não só uma

enxurrada de ações retaliatórias fora do controle dos sindicatos liderados pelos bancos grandes mas ainda um crescente emperreamento do comércio exterior. Para não falar na suspensão de investimentos. Quem vai colocar dinheiro em um país tumultuado e sem nenhum estatuto jurídico claro nas relações externas? Fazem sentido, a partir daí, os sussurros soprados — segundo dizem — pelo senador Fernando Henrique Cardoso sobre um acordo com o FMI. Não custa tentar, ao preço talvez de uma enorme desvalorização da moeda forçada pelo caos que se poderia ter evitado se houvesse mais sensatez e resistência aos xiitas. Como as resistências ao Fundo são enormes (e, segundo alguns, imbatíveis), o cenário que pode estar se desenhando para o Brasil, longe de heróico, é medíocre.

Quando o presidente Sarney disse que não entraria num modelo de desenvolvimento autárquico, deve ter pensado seriamente nessas consequências e no cenário pior. Mas o instinto de sobrevivência racional e político do Presidente pode ir cedendo, palmo a palmo, ao peso das propostas dos radicais, do cativo de seu próprio mandato e de circunstâncias que são sobretudo internas, e foram apenas apagadas pela crise externa que o PMDB criou sem qualquer escrúpulo.

O Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer até se parecer definitivamente com uma enorme Polônia tropical, com vantagens para a Polónia. O caminho autárquico leva fatalmente para lá. Ainda há bancos para estatizar e algumas grandes empresas privadas, cujos parâmetros de eficiência incomodam a máquina estatal.

Com o corte nos canais de comunicação com a poupança externa, o que restar de empresas particulares dependerá vitalmente do grande cartório do Fundo Nacional de Desenvolvimento, onde são beberão os fiéis à cartilha da autarquia. A agricultura poderá ser dobrada com a agitação da reforma agrária ou a coletivização das fazendas, em última instância.

A trilha para a mediocridade passa pela manutenção dos subsídios e a preservação dos cartórios dos bancos estaduais, hoje um vasto condomínio de governadores eleitos pela mesma legenda, do Rio Grande do Sul ao extremo Norte do país. Lembrem-se das críticas da dupla Campos-Bulhões ao "condomínio de governadores inflacionários" depois de 64? Terminaram naquela época cortando a cabeça do governador Adhemar de Barros, e rolou também a de Carlos Lacerda.

Hoje os tempos são diferentes. O condomínio inflacionário tem um Pedro Simon no Rio Grande às voltas com o subsídio ao trigo e um Miguel Arraes em Pernambuco às voltas com o subsídio à cana-de-açúcar. O que irão fazer? Aumentar a produtividade nacional ou a autarquia brasileira? Como o populismo casa-se mais fácil com a autarquia que com a eficiência, o horizonte necessariamente cinzento. E precisa de uma crise externa para diminuir sua visibilidade.

Nesse cenário, há espaço para dissidentes.

Vale a pena esperar dizendo "não" à autarquia. Os dissidentes russos não sobreviveram na Sibéria?